vinetur

Adegas italianas enfrentam aumento de 8,9% nos custos de produção, apesar da queda de 2,6% nos preços do vinho no retalho

A UIV pediu a Roma apoio para os custos da energia e verbas adicionais para promover as exportações, após um inquérito revelar que 35% dos consumidores estavam a reduzir as despesas com vinho

sexta-feira, 6 de novembro de 2026



A indústria vitivinícola italiana está a ser pressionada pelo aumento dos custos de produção e pela descida dos preços no retalho, segundo dados divulgados na quinta-feira, 5 de novembro, pela Unione Italiana Vini, a principal associação do setor vitivinícola do país. Os produtores pediram ao Governo apoio para os custos da energia e mais verbas para promover as exportações.

A associação afirmou que a taxa de inflação anual em Itália atingiu 5,4% em outubro, enquanto o preço do vinho para o consumidor caiu 2,6% no mesmo período, com base em dados do instituto nacional de estatística Istat. Ao mesmo tempo, os custos de produção de vinho aumentaram 8,9% em setembro face ao ano anterior, segundo o Ismea, o instituto público que acompanha os mercados agrícolas e alimentares.

Esta diferença é significativa para as adegas, pois significa que muitos produtores enfrentam faturas mais elevadas sem poderem repercutir esses custos nos compradores. Para o setor das bebidas em geral, este desfasamento pode reduzir as margens e limitar a capacidade financeira de que as empresas precisam para investir, fazer marketing e competir nas exportações, sobretudo em categorias que dependem fortemente das despesas discricionárias dos consumidores.

A UIV afirmou que o setor está a ser atingido por duas frentes. Por um lado, as famílias estão a reduzir as compras não essenciais à medida que a inflação pesa nos orçamentos. Por outro, os produtores enfrentam custos operacionais mais elevados, incluindo os da energia, enquanto os preços de venda não acompanham essa subida.

A associação citou um inquérito recente da Noto Sondaggi para o jornal Il Sole 24 Ore, segundo o qual o vinho encabeçava a lista de despesas que os consumidores italianos afirmaram estar a reduzir: 35% disseram que esta era uma das categorias em que estavam a cortar. O resultado aponta para um enfraquecimento da procura interna numa altura em que os produtores já enfrentam pressões sobre os custos dos fatores de produção agrícola, da transformação, do engarrafamento, do transporte e dos serviços públicos.

Lamberto Frescobaldi, presidente da UIV, afirmou que o contexto de mercado se tornara cada vez mais difícil, com as adegas a enfrentarem pressões externas fora do seu controlo. Em declarações divulgadas pela associação, disse que as medidas relativas aos custos da energia incluídas na proposta de lei do Orçamento do Estado italiano também poderiam beneficiar o setor vitivinícola, nomeadamente através de apoio às despesas operacionais e de incentivos ao investimento em eficiência energética.

Frescobaldi afirmou que o setor esperava uma «aplicação rápida e concreta» dessas medidas. A referência era às disposições do projeto de lei do Orçamento do Estado, conhecido em Itália como DDL Bilancio, que, segundo a UIV, poderiam ajudar as empresas a fazer face à escalada dos custos da energia.

Frescobaldi pediu também ao Governo financiamento extraordinário adicional para apoiar a promoção do vinho italiano nos mercados externos, para além das verbas já previstas para programas de internacionalização. Afirmou que o setor precisava de um apoio mais forte no estrangeiro, enquanto as empresas enfrentavam os efeitos das tarifas, do abrandamento do consumo, das dificuldades mais amplas nos mercados internacionais e da concorrência crescente de países produtores de vinho mais recentes.

O pedido aponta para uma preocupação mais ampla no setor vitivinícola italiano. Se os produtores forem obrigados a absorver o aumento dos custos e a manter baixos os preços nas prateleiras num mercado de consumo mais fraco, a promoção das exportações torna-se mais importante, pois pode ajudar a defender os volumes e a visibilidade das marcas no estrangeiro. Para as empresas de bebidas, isso pode ter consequências que vão muito além do vinho, uma vez que as mudanças no apoio ao comércio, nos custos logísticos e na procura dos consumidores afetam frequentemente categorias adjacentes em todo o setor das bebidas alcoólicas.

A UIV não divulgou novos dados nacionais sobre os volumes de vendas na sua declaração, mas a descrição do mercado revelou preocupação com a coincidência entre a fragilidade da procura interna e as pressões internacionais. A descida dos preços para os consumidores pode, por vezes, estimular a procura, mas, neste caso, a associação argumentou que os preços mais baixos no retalho não bastam para compensar o impacto da inflação nos orçamentos familiares nem o aumento dos encargos de produção das empresas.

Os dados citados pela UIV referem-se a diferentes pontos da cadeia de abastecimento e a meses distintos, mas, em conjunto, descrevem um contexto difícil para uma das mais importantes indústrias alimentares e de bebidas de Itália. O valor da inflação de outubro reflete a economia de consumo em sentido mais amplo, enquanto o aumento dos custos de produção em setembro evidencia pressões nas vinhas e nas adegas que poderão persistir mesmo que os preços finais continuem baixos.

Os produtores aguardam agora para ver se as medidas governamentais relativas à energia serão aplicadas rapidamente e se serão disponibilizadas verbas adicionais para a promoção das exportações nos próximos meses. Até lá, as adegas italianas operam num mercado em que os custos sobem mais depressa do que os preços que muitos consumidores estão dispostos a pagar.